

MIGUEL SETAS

Vice-presidente de Distribuição e Inovação da EDP no Brasil



A metamorfose

A sexta-feira passada ficará na história do setor elétrico como o dia em que foi determinada a maior intervenção já feita pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). A diretoria da agência reguladora decidiu pela intervenção em oito distribuidoras do Grupo Rede. Ficou de fora a Celpa, distribuidora do Pará, porque está atualmente em processo de recuperação judicial. A agência invocou uma situação de insustentável desequilíbrio econômico-financeiro e inadimplência sistêmica para adotar esta medida extrema. Esta intervenção hostil permitiu, apesar de tudo, reduzir o risco de inadimplência do setor elétrico como um todo.

Este episódio dramático vai reacender a discussão aguda sobre a sustentabilidade econômica do setor da distribuição no Brasil. Em estudo recente, o Instituto Acende Brasil, um observatório independente, evidenciou que a criação de valor acima do custo de capital para 22 empresas privadas do setor elétrico é negativa desde 1998 até 2006 (perda acumulada de EVA – Economic Value Added de R\$ 49,3 bilhões) e que é marginalmente positiva entre 2007 e 2009 (R\$ 2,6 bilhões de EVA acumulado).

As distribuidoras estão espremidas entre uma elevada carga tributária e as novas regras tarifárias

A sexta-feira passada ficará na história do setor elétrico como o dia em que foi determinada a maior intervenção já feita pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). A diretoria da agência reguladora decidiu pela intervenção em oito distribuidoras do Grupo Rede. Ficou de fora a Celpa, distribuidora do Pará, porque está atualmente em processo de recuperação judicial. A agência invocou uma situação de insustentável desequilíbrio econômico-financeiro e inadimplência sistêmica para adotar esta medida extrema. Esta intervenção hostil permitiu, apesar de tudo, reduzir o risco de inadimplência do setor elétrico como um todo.

Este episódio dramático vai reacender a discussão aguda sobre a sustentabilidade econômica do setor da distribuição no Brasil. Em estudo recente, o Instituto Acende Brasil, um observatório independente, evidenciou que a criação de valor acima do custo de capital para 22 empresas privadas do setor elétrico é negativa desde 1998 até 2006 (perda acumulada de EVA - Economic Value Added de R\$ 49,3 bilhões) e que é marginalmente positiva entre 2007 e 2009 (R\$ 2,6 bilhões de EVA acumulado).

As distribuidoras estão espremidas entre uma elevada carga tributária e as novas regras tarifárias

No caso do Grupo Rede há que ter em conta uma agravante: é que as suas nove distribuidoras cobrem cerca de 35% do território nacional e atendem apenas a 7% do universo total de clientes no Brasil. Ou seja, o Grupo Rede opera concessões em regiões de elevada extensão geográfica e de baixa densidade populacional, que requerem fortes investimentos nas redes de distribuição. Esses investimentos teriam de ser remunerados com elevadas tarifas elétricas (dada a baixa densidade de clientes), dificilmente suportáveis pela maioria da população atendida por estas empresas, o que se converte numa equação sem solução.

Para agravar o problema, o terceiro ciclo de revisão tarifária veio impor elevadas reduções de rentabilidade ao setor. E, portanto, as distribuidoras ficam espremidas entre uma elevada carga tributária (por enquanto, de assombrosos 45%), que ocupa o espaço necessário para uma elevação das tarifas, e as novas regras tarifárias, que reduzem os recursos disponíveis para operar e investir.

Para além disso, o forte aperto na rentabilidade das concessionárias parece ser contraditório com a vontade de construção de um edifício regulatório que permita o desenvolvimento das chamadas “smart grids” e com todo o esforço que tem sido exigido das empresas para a melhoria da qualidade do serviço prestado.

Ou seja, o setor elétrico está passando por uma profunda metamorfose, com sinais aparentemente contraditórios. Esta transformação, que todos desejamos que seja bem-sucedida, não poderá terminar como o famoso caixeiro-viajante Gregor Samsa, (personagem da obra prima de Franz Kafka, “A metamorfose”), que um dia acorda transfigurado.

Finalmente, a intervenção da Aneel parece ter sido uma atuação prudential e necessária no contexto das dificuldades sentidas. No entanto, não devemos confundir as limitações de um modelo que carece de aprimoramentos – como todos os modelos de regulação no mundo – com uma suposta falta de competência de um corpo de técnicos e gestores experientes, como são os do Grupo Rede. Têm a nossa solidariedade neste momento difícil. ■

No caso do Grupo Rede há que ter em conta uma agravante: é que as suas nove distribuidoras cobrem cerca de 35% do território nacional e atendem apenas a 7% do universo total de clientes no Brasil. Ou seja, o Grupo Rede opera concessões em regiões de elevada extensão geográfica e de baixa densidade populacional, que requerem fortes investimentos nas redes de distribuição. Esses investimentos teriam de ser remunerados com elevadas tarifas elétricas (dada a baixa densidade de clientes), dificilmente suportáveis pela maioria da população atendida por estas empresas, o que se converte numa equação sem solução.

Para agravar o problema, o terceiro ciclo de revisão tarifária veio impor elevadas reduções de rentabilidade ao setor. E, portanto, as distribuidoras ficam espremidas entre uma elevada carga tributária (por enquanto, de assombrosos 45%), que ocupa o espaço necessário para uma elevação das tarifas, e as novas regras tarifárias, que reduzem os recursos disponíveis para operar e investir.

Para além disso, o forte aperto na rentabilidade das concessionárias parece ser contraditório com a vontade de construção de um edifício regulatório que permita o desenvolvimento das chamadas "smart grids" e com todo o esforço que tem sido exigido das empresas para a melhoria da qualidade do serviço prestado.

Ou seja, o setor elétrico está passando por uma profunda metamorfose, com sinais aparentemente contraditórios. Esta transformação, que todos desejamos que seja bem-sucedida, não poderá terminar como o famoso caixeiro-viajante Gregor Samsa, (personagem da obra prima de Franz Kafka, "A metamorfose"), que um dia acorda transfigurado.

Finalmente, a intervenção da Aneel parece ter sido uma atuação prudencial e necessária no contexto das dificuldades sentidas. No entanto, não devemos confundir as limitações de um modelo que carece de aprimoramentos - como todos os modelos de regulação no mundo - com uma suposta falta de competência de um corpo de técnicos e gestores experientes, como são os do Grupo Rede. Têm a nossa solidariedade neste momento difícil.

Miguel Setas é Vice-presidente de Distribuição e Inovação da EDP no Brasil